

ZABATIERO, Júlio. **Fundamentos da teologia prática**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

Leonel Vieira¹

A relação de grande parte dos cristãos com a teologia não é amigável. Em muitas igrejas, ou ela é nociva ou dispensável. É comum ver a partir de púlpitos pentecostais pregadores receberem apoio de seus ouvintes quando atacam a teologia. Até mesmo em igrejas onde a formação teológica é requisito para a ordenação ministerial ela é apenas uma dificuldade a ser vencida no início da carreira. Em circuitos acadêmicos, teólogos profissionais estão cada vez mais distantes e isolados em seus castelos de sabedoria inacessíveis.

Mas isto é fruto de uma compreensão equivocada da teologia. Em meio ao caos, Deus sempre tem os seus remanescentes. É assim que nos chega essa obra de Júlio Paulo Tavares Zabatiero, que é pastor da Igreja Presbiteriana Independente. Docente de teologia desde 1980, com doutorado em teologia pela Escola Superior de Teologia (EST/RS). Professor da Faculdade Unida de Vitória e da Escola Superior de Teologia. Vice-presidente da Fraternidade Teológica Latino-Americana setor Brasil, e membro da ANPUH (Associação de Professores Universitários de História) e do GT de Filosofia da Religião da ANPOF (Associação de Pós-Graduação em Filosofia).² Com essa formação, Zabatiero convida cada ministro e ministra da casa de Deus a se denominarem teólogo prático e teóloga prático; e cada teólogo a ser servo, diácono a serviço do povo de Deus.

Em *Fundamentos da teologia prática* o autor alarga as fronteiras tradicionais das disciplinas teológicas para demonstrar que a essência da teologia é prática. Nas palavras do autor: "... prática não é uma opção, mas

o próprio modo de ser de toda teologia.” (p. 126). Lançando mão da carta do apóstolo Paulo aos Colossenses (escrita em meio a sua prática ministerial), invade o campo da teologia sistemática, aborda uma cristologia e soteriologia práticas, pois Cristo é uma pessoa e a salvação é ação de Deus na história humana, não meras doutrinas descritas em livros. Também aborda disciplinas da prática cristã, espiritualidade e missiologia.

Zabatiero inicia o primeiro capítulo com uma rápida olhada para a história da teologia do ponto de vista do modelo de teologia praticada. Ela surge prática no seio da formação da Igreja, perde seu habitat e praticidade ao se instalar nas universidades, para depois recuperá-los, não sem sequelas, em meio à crise da pós-modernidade. Este desenvolvimento, segundo Zabatiero, nos legou uma “ciência” organizada em quatro eixos: sistemática, histórica, bíblica e prática. A sistemática ainda é o nome mais associado à teologia, mas afetada pela crise do saber surge um modo local de teologia que privilegia o contexto (teologias feministas, negras, hispânicas, teologia da libertação, etc.) e repensa o modelo estrutural da teologia. Aproveitando a crise, o autor define a teologia como discurso crítico e construtivo sobre a ação cristã no mundo que se fundamenta no discernimento da ação de Deus e é construída em parceria com a sociedade, inclusive não cristã.

A partir do segundo capítulo, Zabatiero usa a carta aos Colossenses como texto base, e neste capítulo em questão aponta o relacionamento com Deus como base para o correto posicionamento do teólogo frente ao trabalho que se espera dele. Uma vez que a teologia deve orientar a ação cristã e o teólogo é o comunicador dessa teologia, sua comunhão, ou seu conhecimento de Deus, o levará a discernir sua vontade e formular critérios de valor para a vida cristã.

No capítulo 3, partindo do hino cristológico de Colossenses, o autor chega a uma cristologia prática. A visão de Paulo sobre o senhorio cósmico de Cristo é uma resposta a “cosmologia helênica” que estava

penetrando na nascente comunidade cristã colossense. Apresenta-se aqui o conteúdo que dará condições de praticar uma espiritualidade cristológica e solidária.

Prosseguindo no texto de Colossenses, o autor avança para a doutrina da salvação. Se o hino cristológico nos fornece o conteúdo (nele), a soteriologia prática nos fornece condições de viver este conteúdo. Assim como a história, a vida humana é avaliada sem Cristo e em Cristo. Sem Cristo há escravização da vida e em Cristo há liberdade comunitária.

Nos próximos três e últimos capítulos a ênfase cai sobre o dia a dia da vida cristã. Antes de afirmar que a verdadeira espiritualidade é cristocêntrica, o autor torna evidentes os perigos e tensões que podem desviar cristãos nesta caminhada “conflitante” que é a vida humana, pois o “ato libertador [de Deus] se dá no tempo escatológico” (p. 77). Para torná-lo eficaz aqui e agora é necessário permanecer nele, em Cristo.

No próximo capítulo, ainda sob o tema da espiritualidade, Zabatiero nos lembra que a vida humana continua sob tensão e precisa ser orientada. Viver em Cristo é também vida comunitária, onde a solidariedade, o amor para com o próximo, é a tonalidade esperada por Deus para aqueles que depositam sua fé nele. A solidariedade cristã é o que permite “a renovação permanente da comunidade eclesial” (p. 106).

A aplicação desta solidariedade para com a sociedade em geral é o tema do sétimo capítulo: a missão e sua integralidade em que “missão passa a ser apenas um nome teológico da solidariedade” (p. 127). Com a descrição do Cristo cósmico nada restou na existência que estivesse fora dos domínios de Jesus, assim, a missão da Igreja não é menos abrangente.

Enfim, o autor conclui: “Prática e racional, a teologia é a mística humana do mistério de Deus!” (p. 129). O fechamento do livro com a missão da igreja foi intencional e uma forma de o autor ratificar sua posição sobre a teologia ser prática em toda sua maneira de ser.

Obra de leitura agradável, e, estrutura objetiva explora tema urgente. Apresenta-se essencial e desejável para formar o labor teológico, dando orientação e horizonte. Também útil para que líderes eclesialístico enxerguem a teologia como parceira e não adversária do ministério cristão.